

ALGUNS TEMAS EM SILVANA PINHEIRO: PERFIL DE UMA OBRA EM CONSTRUÇÃO

SOME THEMES IN SILVANA PINHEIRO: PROFILE OF A WORK IN PROGRESS

Grace Alves da Paixão*
Vitor Siqueira Macieira*

A escritora capixaba Silvana Pinheiro¹ tem formação na área de Pedagogia e de Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo, foi pedagoga na rede pública do Estado e hoje, além de dedicar-se à literatura, atua como mediadora de leitura e orientadora familiar (Secult, 2014; Aiolfi, 2020; A Tribuna, 2024). Publicou diversos livros, dentre os quais estão: *História de estrela* (1994); *O jogo dos sete tempos* (1995);

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ Também se encontram referências ao seu nome com o sobrenome Taets: Silvana Pinheiro Taets.

De bichos, pequenos e grandes (1997); *Houve um beija-flor* (1998); *Uma luz no fim do beco* (2001); *Amar o mar* (2004); *A casa rosa* (2004); *Vitória, uma ilha cercada de terras* (2007); *Amigos da Terra* (2009); *femear* (2014); *Feita em casa* (2021); *Notícias para Marina* (2023); *Das histórias da Tartaruga* (2024) e *Próximo passo* (2024)².

Em 2011, ao ser anunciada como convidada para o programa “Viagem pela Literatura”³ promovido pela Prefeitura de Vitória no contexto das comemorações dos 460 anos da cidade, foi apresentada da seguinte forma: “Ela ama o mar, entende de bichos (pequenos e grandes) e se inspira na natureza para fazer poemas e escrever histórias para encantar crianças e jovens” (França, 2011). Nesse sentido, podemos vislumbrar uma relação simbiótica com Vitória, que é uma ilha onde o mar e a natureza são quase onipresentes, de modo que a paisagem molda a construção de subjetividades e reverbera na produção literária.

A literatura feita para crianças e jovens marca sua carreira e a projeta localmente (e também em nível nacional) como uma referência em produções que visam a promover o letramento literário desde a infância. Sua produção ficcional e poética, no entanto, não se limita ao universo infanto-juvenil. Focando o público adulto, ela escreve obras de verve criativa e sensibilidade frente a problemas do mundo, em especial, a proteção da natureza.

Sua literatura não pode ser resumida às suas publicações em livro. Ao contrário, vários de seus textos estão divulgados em formato digital, seja em páginas de

² Nesta lista, estão elencadas ficções e poesias. Vale mencionar *en passant* estudos como: o capítulo “Literatura infanto-juvenil: caminhos e conceituações”, que compõe o livro *Leitura e literatura; ensaios*, organizado por Francisco Aurelio Ribeiro em 1997; e a publicação de sua tese de doutorado, a qual versa sobre a poeta Adélia Prado. Trata-se de *Sem licença: a poética de Adélia Prado* (Pinheiro, 2014), lançada pela Caravana.

³ O projeto “Viagem pela Literatura” é realizado desde 1994 pela Biblioteca Municipal Adelphi Poli Monjardim, localizada no centro da capital do Espírito Santo. Trata-se de uma ação da Secretaria de Cultura da Prefeitura que almeja ampliar o acesso à leitura com foco em crianças e adolescentes (Rocha, 2007).

editoras com as quais estabeleceu parcerias, seja em suas redes sociais ou em seu blog⁴. Não sendo nascida em um mundo digital, soube aproveitar os mecanismos da internet para potencializar o alcance de suas produções. Logo, parte importante de sua criação (como poemas, crônicas, reflexões e comentários críticos) é encontrada em páginas eletrônicas.

Neste artigo, pretendemos abordar alguns temas presentes na literatura de Silvana Pinheiro, de modo a corroborar para o delineamento de um perfil de artista, o qual vem sendo construído pouco a pouco, a cada novo passo dado em sua carreira. Sem fixar o olhar em nenhuma obra em específico, lançamos lampejos sobre sua trajetória, identificando nela temas recorrentes, os quais apontam para a expressão de uma mulher que se coloca frente às questões do seu tempo, como um ser sensível, pensante e atuante.

Literatura e letramento

No sentido de delinear o perfil da escritora, vale a pena trazer à tona um breve e amplo olhar sobre suas produções na literatura feita para crianças, a começar por *História de estrela* (Pinheiro, 1994), que veio a público pela editora mineira RHJ⁵, no ano de 1994, depois de ser premiado pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida. Com ilustrações de Márcia Franco (que atualmente é professora de Artes Plásticas na Universidade do Estado de Minas Gerais), é uma narrativa poética que conta a viagem de uma estrela cadente que mergulha no oceano à procura da estrela-do-mar (Secult, 2014). A estrela do mar é um personagem que evoca

⁴ O blog de Silvana Pinheiro foi criado em junho de 2012 e recebe o título de "Pingo é" (Pinheiro, 2012), provavelmente em alusão ao ditado popular "Para bom entendedor, pinga é letra". A última publicação data de maio de 2021, o que sugere que deixou de publicar nesse meio desde então.

⁵ A RHJ, cujo catálogo é composto por três selos (RHJ, Baobá e Aluar), foi fundada em 1974, em Belo Horizonte. Tem foco em obras feitas para crianças, jovens e professores, com o propósito de despertar o interesse pela literatura (RHJ, s.d.).

toda a vida marinha e, portanto, dialoga com a constante presença do mar da vida em sua escrita.

O jogo dos sete tempos (Pinheiro, 1995), publicado em 1995, é um texto premiado em primeiro lugar no Concurso de Literatura Infantil promovido pela editora evangélica Vinde Comunicações⁶ um ano antes de seu lançamento, com ilustrações de Marcos Garcia⁷. Nele, acompanha-se a trajetória da personagem Lia em uma aventura pelo castelo do Valente Imortal contra o Valente Engano⁸. *De bichos, pequenos e grandes* (Pinheiro, 1997), a seu turno, foi editado pela Ultimato⁹, no ano de 1997, com ilustrações do desenhista gaúcho Renato Canini, conhecido no Brasil por seu trabalho à frente da HQ do Zé Carioca.

Houve um beija-flor (Pinheiro, 2018) – ilustrado por Yuri Lopes (ilustrador capixaba) e editado em 2018 pela Formar (editora capixaba) – foi publicado primeiramente pela Prefeitura Municipal de Vitória com apoio da Lei Rubem Braga, no ano de 1998 (ilustrado pela ilustradora capixaba Cléria Crema). Trata-se de um texto em prosa poética sobre a vida do naturalista e ambientalista Augusto Ruschi¹⁰. É significativo o fato de a autora trazer à memória a figura de Ruschi: confirma-se sua própria disposição filosófica, qual seja, a defesa da natureza e a educação das novas gerações para um mundo mais sustentável.

⁶ A Vinde Comunicações foi atuante no mercado de livros evangélicos na década de 1990 e manteve ativo o blog da *Revista Vinde*, de 1995 a 2024 (*Revista Vinde*, 1995).

⁷ Acreditamos que se trate do designer gráfico e quadrinista, cuja primeira HQ foi publicada na *Revista Maturi*, na década de 1980, e depois, com com Laércio Cavalcanti e Amadeu Filho, criou o fanzine ACUNHA (*Guia dos quadrinhos*, 2013).

⁸ Pode ser acessado digitalmente em: <<https://www.calameo.com/books/000803343134efc34ec87>>. Acesso em: 15 fev. 2026.

⁹ Editora evangélica, de Viçosa (Minas Gerais), fundada em 1968, com a publicação *Ultimato*: primeiramente como tabloide e depois, revista. Em sua página oficial, afirma: "Trabalhamos para criar uma mentalidade bíblica e ensinar a arte de encarar os acontecimentos sob uma perspectiva cristã." (*Quem somos*, s.d.).

¹⁰ Augusto Ruschi (1915-1986) foi um cientista, reconhecido nacional e internacionalmente pela sua produção em torno de aspectos ambientais de ecossistemas brasileiros, motivo pelo qual é considerado o Patrono da Ecologia no Brasil.

Em 2001, publicou *Uma luz no fim do beco* (Pinheiro, 2001), com edição e ilustrações do capixaba natural de João Neiva, Lastênio Scopel, seguindo-se, em 2004, os títulos *Amar o mar* (Pinheiro, 2004a) – ilustrado por Fê – e *A casa rosa* (Pinheiro, 2004b), ambos pela editora paulista DCL, que publica desde sua fundação, em 1966, obras de literatura infanto-juvenil. Nesta última – ilustrada pela pernambucana Rosinha Campos, que é ilustradora e escritora premiada – o foco recai sobre uma residência na Rua da Amizade, onde a passagem de personagens como um relojoeiro, um cientista e um poeta deixou marcas indeléveis ao longo do tempo.

Já em 2007, pela editora paulista Cortez, lançou *Vitória, uma ilha cercada de terras* (Pinheiro, 2007), livro que confere protagonismo à capital capixaba, permitindo que a própria cidade narre sua trajetória em primeira pessoa. A obra foi ilustrada por Joyce Brandão, que é professora de Artes na Ufes.

Notícias para Marina (Pinheiro, 2023) foi publicado em 2023 pela Formar, com ilustrações de Diana Leite Chacon, paulista radicada no Espírito Santo. Na história, Marina ajuda a mãe na reciclagem e ouve a história de um menino que cruzou o mar com garrafas pet. O depoimento da ilustradora em sua rede social diz respeito ao efeito que a história teve sobre si, no sentido de despertar seu olhar para a importância do trabalho dos catadores e recicladores de materiais. Silvana Pinheiro, por sua vez, afirma:

[...] foi uma matéria de jornal sobre a história de um menino marroquino que há dois anos atrás todo mundo acompanhou nas mídias, que ele tentava atravessar o Mediterrâneo para chegar à costa da Espanha. Aquela notícia me impactou muito e o texto nasce daí, mas eu vou enveredando para outras coisas, e o texto acaba abordando como tema principal a questão da reciclagem de materiais (Pinheiro, 2024a).

Nesse relato, vê-se seu olhar sensível sobre as crianças em situação de vulnerabilidade e sobre questões ambientais, caras a quem – como ela – é

profundamente envolvido com o desenvolvimento humano e a proteção do planeta. Em entrevista para *A Tribuna*, ela desfez:

[...] quando você lê, você tem contato com algo que aconteceu com alguém num determinado lugar que talvez a pessoa nunca vai acessar, a não ser por meio do livro. Isso possibilita desenvolvimento da imaginação, aquisição de informações, desenvolve uma série de habilidades neurológicas que estão se perdendo das novas gerações que não vivenciam isso (Pinheiro, 2024a).

A preocupação com a leitura (ou a falta dela) em meio às novas gerações imersas na era digital é perceptível em toda a entrevista e reflete a angústia de alguém que dedicou a vida à Educação e, mais especificamente, à literatura e enfrenta, na atualidade, os desafios de um mundo cada vez mais digitalizado e apressado, o qual diminui tempo de disponibilidade para fruções estéticas.

Das histórias da tartaruga (Pinheiro, 2024b) foi lançado em 2024 pela Aluar, um selo editorial que compõe a RHJ e cuja linha editorial volta-se para a publicação de literatura infanto-juvenil e material de apoio pedagógico a professores da Educação Básica com vistas a dar suporte ao ensino de literatura. As ilustrações são de Carlos Jorge Nunes¹¹. Mais uma vez, ela trabalha com um referencial imagético característico do mar, confirmando assim sua ligação com a vida marinha, o que sugere uma mulher influenciada pela paisagem da terra natal, como vimos.

Sobre sua dedicação à literatura infanto-juvenil, afirma:

[...] Foi a minha porta de entrada. Eu já escrevia, mas não tinha a oportunidade de publicar. A minha ligação com a literatura infantojuvenil veio do trabalho como educadora. Na época eu trabalhava na Secretaria de Educação, eu participava das leituras dos livros para selecionar para escola, e aí eu fui me encantando [...] (Pinheiro, 2024a).

¹¹ O mineiro Carlos Jorge Nunes (1959-2024), além de atuar como cartunista, desenhista e diagramador, escreveu para crianças desde a década de 1980 (Nunes, 2011). O portfólio do ilustrador pode ser encontrado em: <https://issuu.com/cjdesenho/docs/portifolio_carlos_jorge>. Acesso em: 17 abr. 2026.

O reconhecimento do valor de sua escrita voltada para os pequenos pode ser visto de várias formas e em diferentes aspectos. Um deles diz respeito ao fato de *A casa rosa* ter sido incluído no DVD produzido em 2014 no bojo do projeto “Viagem pela Literatura”, quando foi contado por Fernando Soledade (Viagem, 2014). Outros exemplos podem ser identificados na inserção de seus livros nas escolas.

Em 2019, professoras de crianças entre 4 e 5 anos de idade, do Centro Municipal de Educação Infantil Doutor Thomaz Tommasi, localizado no bairro Joana D’Arc, trabalharam com os alunos a leitura de *História de estrela* e *A casa rosa*. A diretora da unidade declarou: “A nossa intenção é fazer com que as crianças conheçam e saibam que existem autores capixabas e que aprendam com isso a valorizar nossa cultura” (Moreira, 2019). Essa fala indica que, para além do valor literário das obras e do letramento promovido pelo projeto, a noção de representatividade é fundamental para a escolha do repertório, isto é, dar espaço para uma autora capixaba implica valorizar a cultura local. Em 2022, o mesmo foi apresentado às crianças do Centro Municipal de Educação Infantil Maria Inês Gurtler, que fica em Cariacica¹².

Assim, podemos dizer que a literatura de Silvana Pinheiro vem fazendo parte do letramento de crianças, em especial das capixabas, nesses trinta anos de dedicação à literatura infantil. Outro fator que indica seu reconhecimento está na presença de livros de sua autoria nas bibliotecas de várias escolas públicas do Estado. Nesse sentido, vale dar atenção ao relato de Fabiano de Oliveira Moraes (2014, p. 99), que em sua tese de doutoramento acompanhou atividades de crianças do 5º ano na biblioteca escolar e destacou a interação de duas alunas com o livro *Vitória: uma ilha cercada de terras*:

¹² Na página eletrônica de Silvana Pinheiro na plataforma YouTube, há o registro desse projeto em vídeo realizado pela escola. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TGc-bauXJMA>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

Nesse ínterim, Rosana e Lúcia retornavam à mesa com o livro *Vitória: uma ilha cercada de terras*, cartografando (porque apenas entendendo, sem explicar, sem revelar) a cidade onde viviam. Palmilhando as páginas, os monumentos, as paisagens. Rindo e partilhando histórias, narrativas de vida, experiências de mundo.

A interação dessas alunas com essa obra exemplifica como sua produção literária atua na construção da identidade local. Ao longo de três décadas, consolidou uma escrita que une a temática ambiental à valorização do patrimônio capixaba, atendendo a propósitos pedagógicos e à formação estética. Dessa feita, sua trajetória na literatura para crianças é marcada pela capacidade de converter temas como a sustentabilidade e a história regional em repertório de leitura presente no cotidiano escolar, fundamentando o papel da literatura produzida no Espírito Santo dentro e fora das salas de aula.

Natureza e proteção ambiental

O sentimento da natureza é muito presente em sua obra, haja vista suas produções voltadas para o público infantil, sobretudo em *Notícias para Marina*. Entretanto, no universo da literatura infanto-juvenil, especialmente quando se trata de crianças pequenas, já é habitual a exploração dos elementos naturais, isto é, a tradição literária, por meio das fábulas e das histórias da carochinha, consolidou figuras de linguagem como a personificação da natureza, no intuito de produzir a fantasia. Por isso, nas composições voltadas para o público adulto sua sensibilidade para com a natureza é mais perceptível.

Não é à toa que ela publicou *Amigos da Terra: a luta pela preservação da vida e da natureza*, lançado em 2009 pela editora paulista Nova Alexandria, a qual publica obras no campo da literatura e das humanidades em geral. Com caráter biografista, narra-se a trajetória de três capixabas pioneiros na causa ambiental: Maria Stella de Novaes, Augusto Ruschi e Paulo César Vinha. Além de dar

visibilidade a nomes importantes para a história recente da luta pela defesa da natureza em território capixaba e, dessa forma, zelar pela preservação dessa memória, ela assume o lado dos defensores do meio ambiente.

Na observação da natureza, ela tira lições de vida, tal qual evidencia um poema como “Provisão”, lançado em *femear* (Pinheiro, 2014, p. 20).

o riacho segue seu curso
aprendido até sempre
a natureza lentamente
de repente constrói
represa
pouco a pouco
as águas doces
desconhecem diferente trajeto
focalizam a represa
e se acumulam
acumulam
o tanto que não
conseguem passagem
ao velho leito
ao cúmulo de engorda
beirando lago
quando o finalmente caminho
fechado
pode buscar trilha inusitada
águas de riacho
não ficam paradas
fazem sinas
fazem rumos
rumam finas
ao seu destino
provisoriamente
eterno
eternamente
provisório

Deter-se no curso do riacho estabelece um paralelo direto entre os fenômenos naturais e a experiência humana. Ao descrever a água que abre caminho na terra, o poema sugere que o represamento e o desvio não são interrupções, porém etapas inerentes ao fluxo vital. Assim como o riacho busca trilhas inusitadas diante de obstáculos, a trajetória sinuante do poema é apresentada sob a mesma lógica de adaptação, abrindo espaço à reflexão segundo a qual as dificuldades momentâneas são integradas à continuidade da existência. Essa

identificação entre o riacho e o indivíduo que o observa reforça o caráter pedagógico da natureza presente em sua obra. A sucessão de movimentos serve como uma metáfora da resiliência, na qual a condição “eternamente provisória” da vida é aceita como a única constante. Diante da água sempre corrente, o ser humano pode refletir sobre seu percurso sobre a Terra e concluir que ele faz parte de um imenso cosmos e, portanto, sujeito às mesmas transitoriedades de todo elemento vivo.

O eu lírico apenas se fixa no fluxo de água de um riacho e descreve seus movimentos abrindo caminho na terra. Nós, leitores, identificamo-nos com o riacho e nos colocamos em igual condição no fluxo da nossa vida, eternamente provisória. Sem afirmar, a poesia diz que a natureza tem um ensinamento para aqueles que conseguem ler a poesia dos seus elementos.

Não menos importante à temática abordada está o sentimento de ser mulher, cujo trabalho literário culminou em uma série de produções sobre as quais passaremos a olhar com maior detalhamento.

Sentimento de ser mulher

Ser mulher é uma contingência que perpassa muitas das suas produções literárias, o que é mais fortemente trabalhado em *femear*, uma publicação independente do ano de 2014. Trata-se de seu primeiro livro de poesias voltado para o público adulto, composto por trinta e cinco poemas que pretendem traduzir um olhar feminino sobre a vida (Secult, 2014). Na página eletrônica dedicada à literatura produzida no Espírito Santo *Tertúlia capixaba*, Herbert Farias publica uma resenha, ressaltando o diálogo entre sua poética e o texto bíblico, bem como os jogos de luz e sombra e outras dualidades como passado e futuro, natureza e civilização.

Uma epígrafe entre natural e tecida, pairando sobre a poética da criação do mundo, e o percorrendo pelos muitos matizes da construção bíblica, como se a Babel de muitas vozes se alinhasse ao projeto do criador divino e à profecia da sua ausência, alternadamente louvor e denúncia.

No princípio é a gênese, o gênesis enamorado dos primórdios da terra: *femear*, tomado no conjunto, é o percurso poético de fecundação, semeadura e colheita de *flashes* garantidos pelo relâmpago primordial numa terra prenhe de história pautada na narrativa bíblica (Farias, [s. d.]).

De fato, a narrativa bíblica é fundante na formação ética e estética da autora e, portanto, imbricada em suas criações literárias. No entanto, neste tópico queremos destacar outro elemento relevante e também fundante em sua escrita, isto é, a perspectiva do mundo vista a partir do corpo feminino.

No haicai “uma mulher nasce”, publicado em *femear* (Pinheiro, 2014, p. 107),

uma mulher nasce
cresce como a relva
mas tão logo murcha

está presente a tópica poética da efemeridade da vida circunscrita na especificidade do ser mulher, que evoca toda uma vivência para além do fator biológico do ciclo da vida, isto é, a noção construída sócio-historicamente de que a velhice para a mulher é fator negativo. A escolha do verbo “murchar” não é aleatória, ao contrário, traz uma carga semântica específica da feiura de uma fruta ou flor em decomposição.

O poema “Solitude” (Pinheiro, 2015, p. 102), lançado no livro *femear* e posteriormente no sítio eletrônico da editora Ultimato, evoca algo próprio ao universo feminino: a solidão e o medo de “crescer”, ou seja, de se colocar e ter voz em um mundo marcado pelo patriarcalismo. Nesse mundo, “crescer” mais do que o esperado ou permitido traz dor. O eu lírico reporta-se a um ser superior, de modo que os vocábulos Deus, Pai, Cristo, Jesus, Altíssimo e Santíssimo remetem à fé cristã e aludem a vocativos que ocupam o lugar de figuras retóricas

usuais em nossa tradição poética ocidental. Não se trata de um poema religioso, mas reflexivo e crítico:

as mulheres cresceram
ai, meu Deus, como cresceram
em toda parte
com arte, com graça
cresci
ai, meu Pai, como cresci
e ainda tenho medo
mas cresço
apareço
suporto nosso crescimento
e toda a dor
ai, meu Cristo, suportamos
suportamos toda a dor do crescimento
e nossos homens ficaram perplexos
ai, Senhor, como ficaram
e ainda estão
tiraram seus limites, suas fronteiras
nossos limites, nossas fronteiras
içaram nossas âncoras
como içaram...
ai, Jesus, como içaram
a desmargem ficou
ficou a expansão
gritou a desseparação
e agora, José?
e agora, Maria?
o papel se foi
o encaixe ruiu
o deslocamento se fez
e se faz
sempre e ainda
sem divisões
nem subtrações
há somas
multiplicidade
destotalidade
maria se refez, se refaz
e josé?
josé anda perdido
como se quisesse achar
ai, Santíssimo, como anda perdido
não entendeu
que não há o que achar
há que apenas ser
o que for possível
e as mulheres perguntam
ai, Altíssimo, como perguntam
se valeu a pena
valeu a pena

mas se sentem sós
ai, meu Deus, como se sentem sós
e ainda crescem
e eu me sinto só
ai, como me sinto só

Por meio de um coro de invocações religiosas, a voz lírica descreve o “crescimento” não como um evento harmônico, e sim como um deslocamento que impõe dor e solapamento de fronteiras. A imagem das âncoras içadas sugere uma ruptura definitiva com o estado de imobilidade, lançando a mulher em um campo de “desmargem” e “multiplicidade”, onde os papéis tradicionais de gênero perdem sua função de encaixe.

A nova configuração descompassada é acentuada pela intersecção com a poética de Drummond. Ao evocar o questionamento “e agora, José?”, o poema aponta para o impasse do homem que busca restabelecer fronteiras em um terreno já transformado pela autonomia feminina. Enquanto no original a pergunta remete ao vazio existencial, aqui ela marca a tentativa inútil de recuperar limites que não existem mais. Ao incluir “Maria” na interrogação, o poema parece sugerir que, embora ambos partilhem o deslocamento, a mulher se refaz no movimento de expansão, e o homem permanece atado à busca por um antigo modelo de ordem. Nesse contexto, também não poderíamos deixar de mencionar que a escolha de tais nomes, além do diálogo com a tradição literária, evoca a simbologia do casal primordial do cristianismo, aqui deslocado de sua estabilidade mítica. Ao situar essas figuras em um contexto de ruptura e “desseparação”, o texto poético amplia a possibilidade de leitura, uma vez que até os modelos mais arraigados da estrutura religiosa estão sujeitos ao desgaste do tempo e das novas dinâmicas sociais.

Diante dessa perspectiva, é lícito determo-nos com maior atenção aos aspectos religiosos da sua produção literária.

Religiosidade

Um dado a biografia de Silvana Pinheiro que não pode ser completamente dissociado de sua produção literária está na vivência religiosa em meio ao protestantismo. Dentre os trabalhos realizados, por exemplo, já atuou como roteirista e revisora de materiais da turma do Smilinguido¹³, da editora Luz e Vida. Além disso, podemos encontrar textos de sua autoria (reflexões, crônicas, poemas) em páginas eletrônicas de editoras e revistas evangélicas, como a Ultmato e a *Presentia*¹⁴. O perfil de alguns dos meios junto aos quais atuou indica alguém alinhado ao meio evangélico e essa ligação não pode passar despercebida, uma vez que ela trabalha com imagens, valores, personagens e visões de mundo afinadas com a perspectiva religiosa desses grupos.

Isso indica que sua literatura nunca se limita ao divertimento, ao passatempo ou ao prazer de fantasiar, ao contrário, engloba níveis distintos de instrução, reflexão moral e indução de virtudes. Seus textos, no entanto, não se assemelham em nada a pregações religiosas. Longe disso, sobre um substrato cristão constrói cenas e imagens que ultrapassam a experiência circunscrita em uma vivência religiosa e alcançam significados que fazem sentido para a experiência humana como um todo. Neste artigo, trazemos alguns desses textos para exemplificar tal constatação, sem a perspectiva de tecer análises mais detalhadas.

O primeiro deles é a crônica “Tecendo o arco-íris” (Pinheiro, 2012a), publicada em 2012 na revista *Presentia*. Cria-se uma cena de singeleza e suavidade em que interagem duas crianças, uma idosa e um colibri, colocando-nos em um estado de pausa diante da realidade acelerada e cheia de desventuras: na leitura,

¹³ A turma do Smilinguido diz respeito a personagens infantis criados para divulgação da fé cristã. É possível encontrar informações no site oficial: <<https://smilinguido.com.br/>>.

¹⁴ Tanto a editora Ultmato, já brevemente apresentada neste trabalho, quanto a Luz e Vida e a Presentia têm caráter cristão e missionário e atuaram, cada qual à sua maneira, para a evangelização (Prazer, somos..., s.d.; Desde 2000..., 2025).

contemplamos aquela espécie de idílio. Subliminarmente, a cena retratada traz a reflexão sobre um mundo almejado: é como se o reino dos céus, por alguns instantes, habitasse a Terra.

“O tempo e o vento” é uma crônica que dá voz a uma mulher que alcançou os cinquenta anos de vida e sente os impactos do tempo no corpo feminino. Ela traça um diálogo com Érico Veríssimo em *O tempo e o vento* (1949), que alimenta sua reflexão sobre a fugacidade da vida. No final, conclui:

Ah, é preciso ser sensível ao tempo e ao vento, mesmo quando não sabemos de onde vem o vento, nem para onde vai, com clareza. Não importa. Melhor é deixar-se mover junto às rotas do vento, porque ele se move no tempo e na história (Pinheiro, 2016).

A passagem do tempo e a fugacidade da vida é uma tópica poética e discursiva que acompanha toda a história da literatura, em diferentes culturas. Ao associar o sentimento melancólico da passagem do tempo à condição da mulher e dialogar com Érico Veríssimo, Silvana Pinheiro traz novas conotações para a temática. Dado o caráter religioso do sítio eletrônico em que a crônica foi publicada, não é forçoso inferir que o intertexto passe pelas leituras do *Eclesiastes* e do *Evangelho de João*.

No primeiro, atribuído ao rei Salomão, filho do rei Davi, há reflexões como:

O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo os seus circuitos. (Eclesiastes 1:6).

Porque o que sucede aos filhos dos homens, isso mesmo também sucede aos animais, e lhes sucede a mesma coisa; como morre um, assim morre o outro; e todos têm o mesmo fôlego, e a vantagem dos homens sobre os animais não é nenhuma, porque todos são vaidade. Todos vão para um lugar; todos foram feitos do pó, e todos voltarão ao pó (Eclesiastes 3:19, 20).

No segundo, o apóstolo exprime: “O vento sopra onde quer, você ouve o barulho que ele faz, mas não sabe de onde ele vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (João, 3:8). A metáfora do vento que sopra livremente é utilizada para instaurar a dicotomia entre o corpo que prende e o espírito que flutua nos ares. Ao constatar um corpo que envelhece, a voz feminina da crônica é remetida a um texto da literatura brasileira e a textos bíblicos que a ajudam a compreender a condição humana e a focar no espírito.

O poema “Um certo João” (Pinheiro, 2018), por sua vez, foi lançado primeiramente em *femear* e novamente replicado no site da editora Ultimato, em 18 de dezembro de 2018. Assim, a temática natalina do texto conversa com o clima de festividades religiosas em torno do nascimento de Jesus.

Foi à espera de um certo João,
Certo, ao certo, mas ser todo
Dúvida no útero de um pai.

A gravidez anunciada
Gera o tempo do medo
Placenta nutrindo
Busca de concretude.

Semente temporã, de ventre
Em aridez e estio
No avançar da desesperança?

Como oferecer incenso?
Como segredar poesia,
Imerso em interrogações?

A força do desejo
Esqueceu o intercurso da fé
Que gera a vida
Amorosamente.

Apegou-se ao fórceps da vitória
Sobre a morte da insegurança,
Economia do prazer.

Profecia pariu silêncio,
Mudez assustada
Quietude aprisionante.

Na procura da certeza

Desesperou-se a alegria
Porque a alma talvezava
Gerando túmulos.

Mas criação se fez um dia,
Rompendo manhã,
Interrompendo a voz
Hibernada em caverna,
Perplexo sono invernal.

E você, menino,
Converteu primeiro o pai,
Inaugurando batismos,
Voz do que clama
Da morte para a vida.

No poema, o tema não é o nascimento do Cristo, mas o de João Batista, seu primo, o qual veio ao mundo alguns meses antes do Messias. Segundo o relato bíblico narrado nos Evangelhos, o anjo Gabriel anunciou a Zacarias que sua esposa Isabel ficaria grávida de um menino chamado João. Como ela era estéril e o casal já tinha idade avançada, ele duvidou que esse milagre aconteceria. Por isso, ficou mudo até que a criança nascesse. Essa criança foi precursora do ministério de Jesus.

O foco da composição está justamente em Zacarias, o homem que, mesmo sendo sacerdote do templo judaico, duvidou do poder de Deus. Assim, a poeta lança luz sobre a fragilidade humana, que duvida e perde as esperanças.

A análise desses textos demonstra que sua formação religiosa atua como um repertório simbólico para a investigação de temas universais. Em vez de limitar a narrativa a uma finalidade doutrinária, a autora utiliza passagens bíblicas e conceitos teológicos como chaves de leitura para a condição humana, abordando a finitude, a dúvida e a transitoriedade, por exemplo. Assim, a sua escrita integra o substrato cristão à experiência estética, convertendo referências confessionais em instrumentos de reflexão sobre o tempo e a subjetividade.

Covid-19

Uma das contingências da vida que afetaram substancialmente a sua subjetividade foi a pandemia de Covid-19, vivida entre os anos de 2020 e 2021 de maneira mais agressiva em nosso país. Os estragos foram sem precedentes e potencializados pela má gestão da crise, propositadamente causada por um governo federal liderado pelo presidente de extrema-direita (negacionista e anti-vacina) Jair Messias Bolsonaro. No dia 18 de junho de 2020, ela faz no blog um desabafo em um fluxo de pensamento:

Hoje acordei sem máscaras. Posso. Estou em casa. E minhas máscaras estão contaminadas, como a de todas e todos. Máscaras sujas se lavam em casa, não é mesmo? Ando adoecida pelo meu país, como um todo, como todas e todos. Deu ruim. Erramos, todas e todos. Eu errei. Fiz escolhas equivocadas e deixei que outras e outros me impusessem as suas. Precisamos de meia volta, todas e todos, sem militarismos, volver, sim, à sanidade, à civilidade. Todas e todos. De todas as etnias, de todas as tribos, de direita, de centro, de esquerda, de cima, de baixo. Mas quem está em baixo sente mais a queda de todos. Uso as marcações de gênero no texto daqui pra frente apenas no masculino. Não porque as mulheres não errem, mas porque nossa raiz menos humana assume uma voz de homem. Cristãos e ateus, acadêmicos e não acadêmicos, teólogos e leigos, estamos com o dedo em riste, cheios de julgamentos. Quem está há mais tempo na história, quem chegou agora. Todos se acham no direito de pensar os desfechos e apontar o dedo, ironicamente ou não, até de brincadeira. Às vezes em nome da paz, inclusive. Precisamos chorar. Todos. Olhar para nós mesmos. Aquele que não tem erros nisso tudo, atire a primeira pedra. Nossos olhares estão plenos de perversidade, indistintamente. Nossas melhores intenções se resumem a tirar algum proveito do momento e salvar a pele. E eu me incluo. Nossa história comum carece de um final mais feliz, só possível, se cada um olhar pra dentro de si e chorar. Chorar nossas mazelas. Talvez assim possamos, todas e todos – retomo as marcações de gênero – chorar até com os que choram. Há muita gente morrendo. E há muitos que até já cheiram mal. Está na hora de encontrar recomeços pessoais, quiçá, coletivos. Quem sabe possamos sair um após o outro, uma após a outra, em silêncio reverente, para encontrar um espaço, onde, curvados sobre nós mesmos, contemplemos um deus-homem escrevendo na areia (Pinheiro, 2020b).

Nessas linhas, delineia-se um ser humano em profunda angústia diante das mortes. Longe de apontar culpados, procura registrar uma voz coletiva que se responsabiliza e procura sentido para o caos vivido.

Em julho do mesmo ano, ela publica, no blog da editora Ultimato, o poema “Na minha rua” (Pinheiro, 2020c):

Minha rua está em busca de novas faces
 Olhos andam soltos em vigilância
 Expressões semicobertas a propósito
 De um vírus entre humanos.
 Sob tiras de panos
 Bocas quase caladas
 Desconfiadas
 Narinas de poucos ares.
 Que novas caras virão das
 Máscaras da minha rua?
 Que outras máscaras
 Nos trarão novos olhares?
 Minha rua não mostra suas faces
 Exibe panos multicores somente
 Desejo de algum ar de singularidade
 Que encobre rostos e dores.

Utilizando a rua como espaço que deflagra as mudanças comportamentais provocadas pela pandemia, o poema registra o impacto visual e social da Covid-19. Destaca-se a fragmentação do rosto humano sob o uso das máscaras, onde elementos como “olhos soltos”, “bocas caladas” e “narinas de poucos ares” sinalizam o estado de vigilância e restrição. A presença do vírus é apresentada como o agente que impõe o semicobramento das expressões, substituindo a identidade individual por uma barreira de proteção que altera a dinâmica de convivência e o reconhecimento do outro. A reflexão avança para o caráter ambíguo das “máscaras da minha rua”, questionando se a proteção física encobre também novas formas de subjetividade e distanciamento. Ao final, o poema sugere que o isolamento e o ocultamento das faces deixam a rua em um estado

de busca, no qual a desconfiança e o desejo de novos olhares convivem sob a superfície do que é exibido.

Maternidade

A maternidade é outro elemento que atravessa sua escrita. Ela traduz suas vivências e sentimentos em textos carregados da experiência do maternar. O texto "Com a bola na mão"¹⁵, dirigido a seu filho, é um exemplo disso:

Hoje sou eu quem quica a bola da vez, filho. À medida que ela bate no chão e volta às minhas mãos, refaço idas e vindas, ataques e defesas de um jogo que começou a dezenove janeiros atrás.

Lembro de você enterrado em uma cesta, em rede líquida e maternal, ultrapassando em muito o ritmo das batidas do meu coração, correndo entre os caminhos do meu ventre. Quando achava que estava aqui, você já aparecia ali.

E assim irrequieto, acabou dando mais passes do que devia no cordão que nos unia, quase estourou o tempo. Deu trabalho na hora de irromper quadra a fora, pra vida. Já nasceu chorando seus direitos. Mas como o mundo é redondo, do jeito que você gosta, se sentiu em casa e repousou quase quietinho na esfera da minha barriga, às quatro horas da manhã de um dia festivo. Dois pontos: coragem.

Lembro de como sua agilidade e impermanência eram presentes em tudo. Ninguém conseguia bloquear suas jogadas. Colocar fralda e roupa em você era um jogo rápido. Uma mão equilibrando uma bola, e a outra arremessando logo outra, pra não deixar o ritmo cair. Até pra mamar, você era voraz e insaciável, arremessando sobras de leite pra todo lado, e eu, na minha pouca esperteza, não tinha como me defender. Dois pontos: identidade.

Lembro de como você escolhia se lançar pelas janelas da sala no maternal, ao invés de entrar pela porta, como todos os outros jogadores. E a professora já nem achava ruim, até gostava, porque você driblava todo mundo com esse sorriso franco, até estranhos na rua. Você sempre foi mesmo de encantar qualquer torcida. Dois pontos: carisma.

¹⁵ "Com a bola na mão" foi publicado no blog online da editora Ultimato, sem data explicitada (<<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2015/05/06/com-a-bola-na-mao/>>) e também foi publicado no blog da autora em 11 de junho de 2020, com a informação de que havia sido escrito em 2012 (<<https://pingoeblog.blogspot.com/2020/06/com-bola-na-mao.html>>).

Lembro de sua mania de voar no garrafão de portas de armários, árvores, muros e eu sempre lhe dava assistência nas bolas que cresciam na testa, na nuca, na sobancelha, no pé. Mas você logo saía ventando com outras bolas na mão, pra se posicionar em novas tabelas. Dois pontos: superação.

Sabe uma lembrança que quica baixinho aqui e agora no peito: seu cuidado com os companheiros de time mais frágeis e especiais. Cedia a vez, dava muitas assistências e por isso sempre foi amigo de tantos. Todo mundo gritava seu nome e esperava de você essas jogadas fenomenais. Dois pontos: bondade.

Lembro também que sua adrenalina e raiva quicavam tão forte quanto o sorriso, quando entrava numa disputa de bola ou os juizes da vida estavam equivocados. O único jeito era lhe dar um tempo até a bola baixar e você dar conta de me ouvir por alguns segundos, pra logo sair quicando alegre outra vez. Mais dois pontos: sensibilidade.

Você sempre quicou alegre com tudo na vida, filho. Sua alegria contagiava times e torcidas e atrai pontos e mais pontos no jogo. Seus pontos já chegam a dez. Você é dez, mesmo. Mas vai aumentar o scout, tenho certeza.

Hoje, você anda quicando bolas pelo Brasil afora, e eu fico mais aqui na arquibancada. O cordão que nos une está cada vez mais extenso, mas ainda ouço forte a cada dia os quiques do seu coração bem pertinho do meu, sempre muito mais veloz e acelerado. Eu, na minha calma, assisto a seus jogos e lhe vejo como um vencedor. Você é um campeão, mesmo. Tenha certeza disso, mesmo quando no fim de um jogo o placar não for a favor.

Agora, lhe devolvo a bola. Sai quicando na vida, filho. A bola é sua (Pinheiro, 2012b).

No texto, as palavras de uma mãe que lida com o crescimento de um filho na fase de deixar o lar e assumir a vida adulta, numa linguagem que mistura termos do jogo de basquetebol (atividade desenvolvida pelo jovem) com memórias afetivas da infância do garoto, de modo que por vezes o movimento da bola repercute o movimento do menino e outras vezes a bola é metáfora da vida que o jovem adulto precisará administrar com a destreza de um jogador.

No poema "Colheita" (Pinheiro, 2020a), escrito em 2012 e publicado no seu blog em maio de 2020, está registrada a memória característica do universo maternal à medida que traz o gozo do olhar para a própria cria e deslizar os dedos pelos cabelos da criança. Misturam-se imagens dos cabelos dourados e soltos com

imagens de campos de trigo a balançar ao vento. O olhar é de “mãe admirada”, uma fêmea mamífera a olhar a criação como quem assume a postura do criador.

Campos de trigo balançam
é a sua cabeleira de ouro
nos primeiros dias de maio
ao vento de sentimentos
que persistem em trazer
o som de um riso tímido.

Vales se cobrem de trigo
exultam e cantam de alegria
quando a memória traz
os movimentos de suas madeixas
aos embalos de meu colo
de mãe admirada.

Planícies florescem em trigo
espigas imaginárias no tempo
ao som de seus dedos em cordas
dueto com tons amarelo
de arco-íris em cascata
jorrando de sua cabeça
áurea e florida.

Chão se esvazia do trigo
colhido a dedo
deixa brancas colinas
ausentes de sua presença
topázio
cristais amarelos
transparentes
topo de um corpo esguio.

Restam sementes
ardem os seios
que amamentaram
seu templo ainda delicado
e sem pelos
apenas penugens douradas
brotando na fronte
e a imagem do trigo
ao vento é ímã
ao meu pensamento.

Na peça poética, entrelaçam-se sensações evocadas da memória de momentos da mãe com a sua cria: o colo, o acariciar dos cabelos, a dor do amamentar. A imagem de um bebê sem pelos, coberto de penugem, mistura-se à de uma criança de farta cabeleira dourada. E essa evoca pedras preciosas como o topázio

e cristais amarelos. Os sons trazidos à tona remetem ao vento balançando plantações de trigo, a risos e a cantos de alegria. Desse modo, o poema tenta registrar por meio de conexões imagéticas e sonoras um sentimento de amor maternal que não pode ser expresso em palavras.

A crônica “Maria e o aprendizado da desimportância” (Pinheiro, 2014a) parte de uma figura bíblica, isto é, Maria a mãe de Jesus e foi publicada em um site cristão de vertente protestante. Portanto, apresenta um forte elemento religioso. Porém, a reflexão vai além, no sentido de que se mira a experiência narrada nos Evangelhos para compreender a própria realidade:

Entre tantos artigos da internet sobre o Dia das Mães, li uma frase: “A boa mãe torna-se desnecessária”. Frase de efeito atribuída ora a um psicanalista, ora a um monge. Autoria na internet é difícil precisar. Mas, a citação me faz refletir sobre o papel de mãe e minha relação com meu filho, hoje um lindo homem.

Faz-me pensar também sobre uma figura especial, exemplo de mãe. E de mulher e seguidora de Jesus: Maria. Penso que Maria soube encarnar a desnecessidade materna.

Isso poderia não ter acontecido, uma vez que foi designada para cuidar, no ventre e na vida, do “Deus Conosco”. Carregar alguém especial dentro de si e dar de seu próprio corpo, ainda mais ao Deus-Homem, pode criar uma inimaginável sensação de indispensabilidade. Não é à toa que Maria exultou em canção: “O meu coração louva ao Senhor... Ele se lembrou de mim...”. Todavia, ela experimentou o aprendizado de tornar-se desnecessária.
[...]

Com ela, aprendo da arte de tornar-se insignificante para ser mais humana. Com ela, reflito sobre o quanto preciso deixar meu filho ser mais ele mesmo, ao mesmo tempo em que me permito a alegria de contemplá-lo sendo tudo o que pode ser, mesmo sem mim.

A compreensão da figura de Maria diante da missão do seu filho Jesus parte de uma mulher criada no meio evangélico, onde não existe o culto mariano característico da tradição cristã católica: isso é importante de ser ressaltado na análise do texto. Importa ressaltar também o caráter pedagógico do texto, não à maneira de um manual de instruções, e sim enquanto reflexão subjetiva de um sujeito, a qual pode ser compartilhada com uma comunidade, a saber: um

conjunto de mães que também almejam aprender qual é o seu papel diante da difícil tarefa de educar um filho.

Comentários finais

A trajetória literária de Silvana Pinheiro revela-se como um percurso de maturação constante, em que a formação pedagógica, humana e religiosa, bem como a sensibilidade poética se fundem para interpretar a realidade capixaba e as complexidades da vida contemporânea. Sua produção, embora fortemente alicerçada sobre o universo infanto-juvenil, também alcança o público adulto por meio de crônicas, poesias, sejam publicadas em livro ou em meio digital. Essa versatilidade permite que a autora transite entre o lúdico e o reflexivo.

Os temas identificados — a natureza, a religiosidade, a condição feminina e a maternidade, sem esquecer do impacto da Covid-19 — não se apresentam como compartimentos isolados, mas como eixos que se entrecruzam sob uma perspectiva humanista. A paisagem do Espírito Santo, marcada pela onipresença do mar e pela memória ambiental, fornece o substrato para uma ética de preservação que atravessa suas produções. Paralelamente, a herança protestante oferece o repertório simbólico necessário para investigar a finitude e a espiritualidade, convertendo preceitos teológicos em chaves de leitura universais sobre a fragilidade e a resiliência humana.

A análise da produção mais recente, marcada pelas contingências da pandemia de Covid-19 e pelas reflexões sobre o “femear” e o maternar, sugere uma escrita que não se furta ao enfrentamento das questões do seu tempo. Da mudez imposta pelas máscaras sociais à aceitação da “desnecessidade” materna, ela utiliza a palavra como ferramenta de deslocamento e reconstrução. Ao unir o rigor da experiência educativa à suavidade da prosa poética, sedimenta um legado que valoriza a cultura local enquanto dialoga com dilemas existenciais

globais. Este breve panorama de sua trajetória corrobora a imagem de uma artista em construção.

Longe de querer esgotar possibilidades de abordar a obra de Silvana Pinheiro, este trabalho pretende abrir caminhos sobre uma vasta produção literária que merece receber incursões mais detidas, de modo a revelar outras leituras e delinear melhor os contornos de uma trajetória que já se faz longeva nas veredas da literatura.

Referências:

AIOLFI, Ricardo. *Biblioteca on-line traz dica de leitura de Silvana Pinheiro*. Prefeitura de Vitória, 11 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/biblioteca-on-line-traz-dica-de-leitura-de-silvana-pinheiro-41403>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

A TRIBUNA. *Quem é Silvana Pinheiro*, 23 set. 2024, p. 5. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/772690960/Vitoria-ES-a-Tribuna-230924#content=query:silvana%20pinheiro,pageNum:5,indexOnPage:0,bestMatch:false>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

FARIAS, Herbert. Dualidade e transcendência. In: NUNES, Pedro J. (Ed.). *Tertúlia capixaba*, Vitória, [s. d.]. Disponível em: <https://www.tertuliacapixaba.com.br/paraler/dualidade_e_transcendencia.html>. Acesso em: 13 fev. 2026.

FRANÇA, Brunella. *Encontro com a escritora Silvana Pinheiro Taets e contação de histórias na Fafi*. Prefeitura de Vitória, 12 set. 2009. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticia/encontro-com-a-escritora-silvana-pinheiro-taets-e-contacao-de-historias-na-fafi-6760>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

GUIA dos quadrinhos, Marcos Garcia, 2013. Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/marcos-garcia/11164>>. Acesso em 17 fev. 2026.

LIMA, Paulo Nailson A. (Ed.). Desde 2000, foram seis anos publicação impressa e 18 anos na internet. *Presentia*, [Recife], 09 maio 2025. Disponível em: <<https://presentiaonline.blogspot.com/2025/05/desde-2000-foram-seis-anos-publicacao.html#more>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

LUZ e vida. *Prazer, somos a Editora Luz e Vida*. In: LUZ E VIDA. [s. l.]: Luz e Vida, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.editoraluzevida.com.br/>>. Acesso em: 13 fev. 2026.

MORAES, Fabiano de Oliveira. *Currículo-fabulação: a curiosa metamorfose de Francis Tracart*. 2014, 138 f. Tese (Doutorado em Educação) — Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_8088_2014_Tese_Fabiano_Moraes.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2026.

MOREIRA, Renata. *Alunos de Cmei fazem casa rosa e leem livros para homenagear escritora capixaba*. Prefeitura de Vitória, 28 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.vitoria.es.gov.br/noticias/alunos-de-cmei-fazem-casa-rosa-e-leem-livros-para-homenagear-escritora-capixaba-36873>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

NUNES, Carlos Jorge. *Desenhos, desenhos e mais desenhos*, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <<http://carlosjorgeilustrador.blogspot.com/2019/>>. Acesso em 17 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *A casa rosa*. São Paulo: DCL, 2004b.

PINHEIRO, Silvana. Provisão. In: _____. *femear*. Vitória: Edição da autora, 2014. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/2018/05/provisao.html>>. Acesso em: 18 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Amar o mar*. São Paulo: DCL, 2004a.

PINHEIRO, Silvana. Colheita. In: _____. *Blog Pingo é*, Vitória, 04 maio 2020a. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/2020/05/colheita.html>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. Com a bola na mão. *Ultimado online*, Viçosa, , 2012b. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2015/05/06/com-a-bola-na-mao/>>. Acesso em: 14 fev. 2026

PINHEIRO, Silvana. *Das histórias da tartaruga*. Belo Horizonte: Aluar, 2024b.

PINHEIRO, Silvana. *De bichos pequenos e grandes*. Viçosa: Ultimato, 1997.

PINHEIRO, Silvana. Escritora Silvana Pinheiro: "Novas gerações lidam com uma vida irreal". Entrevista concedida a Luciano Rangel. *A tribuna*, Vitória, 29 set. 2024a. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/cidades/escritora-silvana-pinheiro-novas-geracoes-lidam-com-uma-vida-irreal-200981>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *História de estrela*. Belo Horizonte: RHJ, 1994.

PINHEIRO, Silvana. Hoje acordei sem máscaras. In: _____. *Blog Pingo é*, Vitória, 18 jun. 2020b. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/2020/06/hoje-acordei-sem-mascaras.html>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Houve um beija-flor*. Vitória: Formar, 2018.

PINHEIRO, Silvana. Maria e o aprendizado da desimportância. *Ultimato online*, Viçosa, 09 maio 2014a. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/maria-e-o-aprendizado-da-desimportancia>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. Na minha rua. *Ultimato online*, Viçosa, 13 jul. 2020c. Disponível em: <<https://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2020/07/13/na-minha-rua/>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Notícias para Marina*. Vitória: Formar, 2023.

PINHEIRO, Silvana. *O jogo dos sete tempos*. Niterói: Vinde Comunicações, 1995.

PINHEIRO, Silvana. O tempo e o vento. *Ultimato online*, Viçosa, 07 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-tempo-e-o-vento>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Pingo é*, Vitória, 2012. Disponível em: <<https://pingoeblog.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Sem licença*: a poética de Adélia Prado. Belo Horizonte: Caravana, 2014.

PINHEIRO, Silvana. Solitude. *Ultimato online*, Viçosa, 04 mar. 2015. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/solitude>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. Tecendo o arco-íris. *Presentia*, [Recife], 21 jul. 2012a. Disponível em: <<https://presentiaonline.blogspot.com/2012/07/cronica-tercendo-o-arco-iris.html>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Uma luz no fim do beco*. Vitória: 2001.

PINHEIRO, Silvana. Um certo João. *Ultimato online*, Viçosa, 18 dez. 2018. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/conteudo/um-certo-joao>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

PINHEIRO, Silvana. *Vitória, uma ilha cercada de terras*. São Paulo: Cortez, 2007.

RHJ. *A RHJ Livros*. In: RHJ. Belo Horizonte: RHJ, [s. d.]. Disponível em: <<https://rhjlivros.com.br/institucional/>>. Acesso em: 17 fev. 2026.

ROCHA, Elizeti Terezinha Caser. *Leitura e cidadania*: a experiência de Goiabeiras Monografia (Aperfeiçoamento/Especialização em Ciências Sociais) — Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Espírito Santo, Vitória, 2007.

ROCHA, Elizeti Terezinha Caser (Coord.). *Viagem pela literatura*: histórias infanto-juvenis. Vitória: Biblioteca Municipal Adelpho Poli Monjardim; Secretaria Municipal de Cultura; Prefeitura Municipal de Vitória-ES, 2014. 1 DVD.

SECULT - Secretaria da Cultura do Estado do Espírito Santo. *Escritora Silvana Pinheiro lança livro de poesias*. *Secult*, Vitória, 18 ago. 2014. Disponível em: <<https://secult.es.gov.br/escritora-silvana-pinheiro-lanca-livro-de-poe>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

ULTIMATO online. *Quem somos*. [Recife]: Ultimato, [s. d.]. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/editora/quem-somos#extras>>. Acesso em: 14 fev. 2026.

ULTIMATO online. Morre “pai” do Zé Carioca e ilustrador de único livro infantil da Ultimato. *Ultimato*, Viçosa, 13 out. 2013. Disponível em: <<https://www.ultimato.com.br/editora/conteudo/morre-pai-do-ze-carioca-e-ilustrador-de-unico-livro-infantil-da-ultimato>>. Acesso em: 11 fev. 2026.

REVISTA Vinde. *O sistema de franquias facilita a montagem de lojas da rede Vinde*, 1995. Disponível em: <<https://revistavinde.blogspot.com/1995/12/visao-nacional.html>>. Acesso em 17 fev. 2026

VERÍSSIMO, Érico. *O tempo e o vento*. Porto Alegre: Continente, 1949.

RESUMO: Objetiva apresentar alguns temas na obra da autora Silvana Pinheiro, por meio de comentários sucintos acerca de composições de sua autoria, no sentido de dar a ver aspectos de uma trajetória em construção. Para tanto, selecionamos textos da autora que trazem os temas: letramento literário; proteção da natureza; sentimento de ser mulher; religiosidade; Covid-19; e maternidade. Além de seus livros, foram realizadas incursões em sítios eletrônicos, como páginas eletrônicas de editoras, revistas online e blogs, nos quais encontramos publicações suas. O trabalho permitiu vislumbrar uma autora multifacetada, que faz seus textos dialogarem com suas vivências pessoais, alinhando literatura e vida. Diante da falta de trabalhos críticos sobre a autora, o presente artigo recorreu mormente a pistas encontradas em notícias de jornais e notas de imprensa que apresentam, ainda que muito brevemente, seu trabalho. Passar pela obra da autora em perspectiva ampla permitiu observar traços da expressão de uma mulher escritora que se coloca frente às questões do seu tempo, como um ser sensível, pensante e atuante.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura brasileira — Espírito Santo. Literatura espírito-santense — Silvana Pinheiro. Silvana Pinheiro — Temário. Silvana Pinheiro — Perfil literário.

ABSTRACT: This study aims to present several themes found in the literary work of the Espírito Santo-based author Silvana Pinheiro. Through succinct commentary on her compositions, it seeks to reveal aspects of a trajectory built over the last thirty years. To this end, we selected texts covering the following themes: literary literacy, environmental protection, the experience of being a woman, religiosity, Covid-19, and motherhood. In addition to her books, research was conducted on electronic sites—such as publishers' pages, online magazines, and blogs—where her publications were found. This work allows a glimpse of a multifaceted author who brings her texts into dialogue with her personal experiences, weaving together literature and

life. Given the lack of critical studies on the author, this article relied primarily on clues found in newspaper reports and press releases that introduce her work, albeit briefly. Examining the author's work from a broad perspective reveals the traits of a female writer who confronts the issues of her time as a sensitive, thinking, and active being.

KEYWORDS: Brazilian literature — Espírito Santo. Literature from Espírito Santo — Silvana Pinheiro. Silvana Pinheiro — Writing themes. Silvana Pinheiro — Literary profile.

Recebido em: 9 de março de 2026
Aprovado em: 10 de abril de 2026